

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

Mariana Martins Silva*¹

Leticia Oliveira Silva*²

RESUMO: Devido a atual conjectura econômica nacional, ingressar no mercado de trabalho tem se tornado um verdadeiro desafio para os recém-formados. Nascidos na era da informação, munidos de currículos extensos repletos de conhecimentos teóricos, os jovens da Geração Y sofrem cada vez mais com cobranças internas e externas para encontrarem um bom emprego. O presente estudo tem por objetivo refletir os impactos causados pelo desemprego a essa geração de trabalhadores que tenta se inserir no mercado. Para tal, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de revisão sistemática nas indexadoras: BVS Psi (Biblioteca Virtual da Saúde – Psicologia) e BVS LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SciELO, no período de 2004 a 2017. Foram analisados seis artigos que correspondem com os objetivos da pesquisa. As pesquisas apontam que o desemprego é uma fonte de imenso sofrimento psíquico tanto para os jovens da geração Y, quanto para seus pais. Alguns dos efeitos apresentados são: deterioração do bem-estar físico, baixa autoestima, desagregação social e desvalorização pessoal. As análises dos artigos evidenciam a necessidade de mais estudos na área para que se possa encontrar métodos e estratégias para amenizar os efeitos negativos do desemprego para os indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia organizacional; Desemprego; Geração Y.

ABSTRACT: *Due to the current national economic conjecture, to get into the business market has become a challenge for newly graduates. Born in the Information Age, provided with resumes full of theoretical knowledge, the youth of Generation Y suffer more and more with internal and external pressure to find a good job. The present study aims to reflect the impacts caused by unemployment to this generation of workers trying to enter the market. For this, a bibliographical research was carried out, of systematic review in the indexers: BVS Psi (Virtual Health Library - Psychology), BVS LILACS (Latin American and Caribbean Health Sciences Literature) e SciELO, from 2004 to 2017. Six articles that corresponded to the research objectives were analyzed.*

KEY-WORDS: *Organizational psychology; Unemployment; Y Generation.*

INTRODUÇÃO

De acordo com Müller (2012), nas diferentes épocas, o mercado de trabalho atravessa ciclos marcados por novas inserções de jovens trabalhadores. Nos dias atuais, estamos testemunhando a inserção de jovens pertencentes a uma

*¹ Autora e Graduanda em Psicologia pela UNIGRAN

*² Orientadora e Mestre em Psicologia pela UNIGRAN

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

geração supostamente diferenciada das anteriores: a Geração Y. O ingresso dessa geração no mundo do trabalho vem despertando a curiosidade e o interesse dos estudiosos do comportamento humano, especialmente quanto aos impactos por ela produzidos na dinâmica das organizações.

A geração Y é a primeira geração da história a ter maior conhecimento do que as anteriores de uma área essencial: a tecnologia. Convivendo com a diversidade das famílias multifacetadas, tendo passado a infância com a agenda cheia de atividades e de aparelhos eletrônicos, as pessoas dessa geração são multitarefas, vivem em ação e administram bem o tempo. Querem trabalhar para viver, mas não vivem para trabalhar. Captando os acontecimentos em tempo real e se conectando com uma variedade de pessoas, desenvolveram a visão sistêmica e aceitam a diversidade. (MALDONADO 2005, p.7).

A despeito dos colossais avanços da tecnologia, a economia mundial atravessa um período de grande recessão. Segundo Mancebo (2017), o Brasil vive uma complexa conjuntura econômica e política. Os impactos de tal crise manifestam-se de forma diferenciada em termos geográficos e temporais; no entanto, é inegável que, no último período, houve um impacto com força na América Latina e no Brasil, em movimentos estruturais que abalaram as bases sociais da própria reprodução política.

O estabelecimento de novos rumos para a economia brasileira desde 1990 tem consolidado um modelo solidário com o desemprego: revisão do papel do Estado na economia (racionalização e descentralização do gasto e privatização do setor público estatal); desregulação financeira (endividamento externo e maior dependência de ingressos financeiros) e econômica (fusão de grandes empresas produtivas e financeiras); estabilização monetária associada à maior oferta dos produtos importados e ao ingresso de recursos externos; reinserção externa mediante elevadas taxas de juros que têm atraído mais significativamente as aplicações financeiras especulativas do que os investimentos produtivos (POCHMANN 2001, p.114).

Dados apresentados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontaram que, ao final de 2017, praticamente 30% dos jovens brasileiros estariam sem trabalho. Esse número apresenta piora em 2018, com 71,1 milhões de jovens desempregados. Apesar de a cada ano, 45 milhões de jovens entrarem no mercado de trabalho, o desemprego entre eles é 2,8 maior do que entre adultos. A estimativa sobre o índice brasileiro é mais de duas vezes superior à média internacional (O ESTADO DE S. PAULO, 2017).

Embora cada país absorva valores específicos de seu momento histórico, o fenômeno geracional guarda semelhanças entre culturas, particularmente quanto aos efeitos de uma crise de ampla repercussão. Assim, crises em países presentes acentuadamente no cenário mundial tendem a afetar outros países, de modo que se não se supõe imunidade econômica, também não se supõe imunidade geracional (MOTTA; GOMES; VALENTE, 2009).

Tendo ciência de todas as características intrínsecas aos jovens da geração Y e a importância do trabalho dentro da cultura e das sociedades ocidentais, é possível perceber o sofrimento psíquico que acomete os jovens que precisam se inserir no mercado de trabalho em meio a um cenário de turbulência econômica.

A fim de prevenir transtornos e doenças já comprovadas como laborais, a psicologia organizacional e do trabalho se engaja em encontrar maneiras de aumentar o nível de empregabilidade dos futuros colaboradores, e assim, diminuir os prejuízos para ambos os lados: o da organização e o do trabalhador. De acordo com Minarelli (1995), os seis pilares que sustentam a empregabilidade são: adequação vocacional, competência profissional, idoneidade, saúde física e mental, reserva financeira e fontes alternativas e relacionamentos.

Dessa forma, buscar-se-á, neste trabalho, analisar os efeitos psicológicos e o sentido do desemprego para a geração Y brasileira e os demais envolvidos na formação do jovem trabalhador, além disso, explanar sobre o papel da psicologia como agente transformador e promovedor de empregabilidade.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 GERAÇÃO Y

Mannheim (1993), na metade do século XX, elaborou uma das principais contribuições sobre o conceito de Geração. Em seu entendimento, as Gerações são dimensões analíticas essenciais para o entendimento das dinâmicas sociais e das formas de pensamento e ação de uma época. As gerações são resultados de tempos históricos e biográficos, com o potencial realizador de mudanças sócias, porém, podem também, sofrer influências de gerações anteriores. Dessa maneira, o tempo cronológico não é o único elemento construtor de gerações, essas, são também influenciadas por mudanças históricas e fenômenos sociais, podendo assim, perdurar por anos ou até décadas.

Nascidos entre 1965 e 1977, a geração X, segundo Comazzetto et al. (2016):

Encontrou um cenário de mudanças na família, com pai e mãe trabalhando, sentimento de culpa das mulheres pela ausência do lar, gerando dificuldades de colocar limites em seus filhos. No trabalho, a percepção de que adultos leais à empresa perderam seus postos estimulou a tendência de desenvolver habilidades que melhorassem a empregabilidade, já que não se poderia mais esperar estabilidade. Pois isso, tendem a serem individualistas, irreverentes, autoconfiantes; valorizam muito a lealdade a si mesmas.

A Geração Y, por sua vez, é formada por pessoas nascidas na década de 1970, período conhecido também pelas revoluções tecnológicas e a globalização, sendo esses, dois eventos de grande magnitude que embasam e norteiam características e ideais dessa juventude. De acordo com Tapscot (2008), os integrantes da geração Y são considerados filhos da tecnologia por

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

representarem a primeira geração da história “totalmente imersa na interatividade, hiperestimulação e ambiente digital”.

Criados em tempo de prosperidade econômica e avanço científico, a geração é rodeada de oportunidades e facilidades que as gerações anteriores não desfrutaram. Dessa maneira, desenvolveram características próprias como: narcisismo, ansiedade, rapidez e capacidade de resposta a estímulos múltiplos. Além disso, apresentam alto nível de qualificação acadêmica.

Outra característica [...] é a confiança que os membros da geração Y possuem em si mesmos. Desde cedo esta geração tem sido guiada pelos seus pais no âmbito pessoal e profissional. Os pais destes jovens têm atuado como direcionadores, criadores e até mesmo como coaches (MACIEL, 2010, p. 21).

Esta criação propiciou a estes jovens autoconfiança, com isso, apreciam desafios, prezam pelo reconhecimento, liberdade e autonomia para agir em seu cotidiano na empresa. São abertos a novas correntes ideológicas e são sensíveis à injustiça. Prezam por atingir um alto grau de liberdade e tomada de decisões do que uma nomenclatura de cargo elevado. Possuem interesse em ascensão rápida, mudam de direção quando percebem que isso não acontecerá em um curto espaço de tempo, o que os torna instáveis (DUVARESCH; SANTOS, 2014).

1.2 RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E DESEMPREGO

O significado do trabalho apresenta-se como um tema de pesquisa há várias décadas e para várias disciplinas acadêmicas. Foi na década de 1980, contudo, que o constructo ganhou seus contornos mais influentes, notadamente com o estudo conduzido por um grupo de pesquisadores que veio a ser conhecido como Meaning of Work Team (MOW, 1987) (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011).

Segundo Carmo (2001), o trabalho é entendido como toda atividade realizada pelo homem civilizado que transforma a natureza pela inteligência. E, realizando essa atividade, o homem se transforma, se auto-produz e, ao se relacionar com outros homens, estabelece a base para as relações sociais.

Na maior parte das sociedades industrializadas, o tempo gasto no trabalho representa aproximadamente um terço daquele em que a pessoa está acordada. Se adicionalmente for somado todo o tempo em que o indivíduo gasta preocupando-se, planejando, em treinamento e em outras situações relacionadas com o trabalho, uma parte substancial da vida de um adulto será voltada para essa atividade (KUBO; GOUVÊA, 2012).

Além de tomar tempo e espaço na vida do indivíduo, o trabalho tem função de formar significantes e significâncias para todos que o praticam. Pensando assim, constata-se um papel muito mais importante do que é pensado pela maioria. Conforme Engels (1876, p.06):

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim é, como efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer

os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos confirmar que o trabalho criou o próprio homem.

Em outras palavras, o esforço laboral tem potencial fundante do ser social. Ao produzir capital monetário o trabalhador passa a ter poder aquisitivo e acesso a diversas atividades sociais que o leva a um novo patamar de construtos e complexidade.

Produzindo mais do que o necessário para a reprodução do seu produtor, o trabalho inaugura um processo de complexificação”, dando luz “a novos e diferenciados complexos sociais, com os quais estabelece relações e forma uma totalidade social, um complexo de complexos, em cujo cerne pode se efetivar (LIMA; JIMENEZ, 2011, p. 74).

Devido a tamanha importância do trabalho em diversos âmbitos da dinâmica do sujeito, é compreensível e esperado que a falta dele seja fonte de angústia e sofrimento em diversos graus. Segundo Alvaro (1992), as principais consequências ao bem-estar psicológico, seriam: transtornos mentais leves (saúde mental geral), depressão, rebaixamento da auto-estima, sentimento de insatisfação com a vida, dificuldades cognitivas e dificuldades de relacionamento familiar.

Em âmbito nacional, a economia hoje, é marcada por acentuado declive e vulnerabilidade. A preocupação com a temática do desemprego veio, dentre outras razões, da força com que o fenômeno se estruturou no Brasil e, especificamente em São Paulo, em um contexto mundial de profundas mudanças políticas, econômicas e sociais no sistema capitalista de produção e as decorrentes transformações do mundo do trabalho (FARINA; NEVES, 2007).

As consequências do desemprego, além de profundas, são duradouras. Como exemplo, pode-se citar o alto índice de trabalhadores que estão a mais de um ano fora do mercado de trabalho. Autores como Fernandes, Lima e Santos (2008) ressaltam ainda, que o desemprego atinge de maneira díspar diferentes grupos sociais ou nichos de força de trabalho.

Apesar da relação óbvia entre a crise econômica e a falta de postos de trabalho, Layard, Nickell e Jackman (1991), mostram que a questão do desemprego é complexa e afetada por muitos fatores, além daqueles macroeconômicos e conjunturais. Segundo os autores, a efetividade da busca do candidato e a sua qualificação são variáveis importantes ao se avaliar e compreender as causas do desemprego.

O desemprego é bem mais do que uma realidade antiga, do que a falta de trabalho ou sua precarização. Para compreendê-lo, é necessário refletir historicamente sobre o fenômeno, principalmente a partir da reestruturação produtiva e da ideologia da industrialização e, ainda, incluir as questões sociais do direito ao trabalho como fonte de subsistência e realização pessoal (FLEIG et al., 2015).

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

1.3 EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO

“No contexto nacional, observou-se que a produção acadêmica acerca do desemprego, a partir de 1980, centraliza esse fenômeno como questão social” (HIRATA; HUMPHREY, 1989).

A perda do exercício de cidadania, é hoje, caracterizada como sendo um dos fatores de maior sofrimento em casos de desemprego. Segundo PEREIRA et al., (2007):

A partir das discussões acerca das condições para a democracia e cidadania na sociedade contemporânea, observa-se que o trabalho pode significar condição para o exercício da cidadania. Conseqüentemente, o desemprego representaria a retirada desse direito.

Hoje, apesar de diminuta, a visão patriarcal ainda paira, de maneira mais sutil e velada, sobre a sociedade brasileira. Tanto homens quanto mulheres tem a visão de que o sexo masculino deve ser o grande provedor da casa e que sobre a mulher recai o papel de cuidadora do lar. Tendo em mente essa forma de pensar a divisão do trabalho, é possível imaginar que os efeitos do desemprego, como o sentimento de inutilidade, é mais acentuado para os pertencentes do sexo masculino. Nesse contexto, PEREIRA et al., (2007) afirmam:

Relacionados com os aspectos subjetivos apontados por DaMatta, tendo em vista as particularidades culturais brasileiras. Considerando o “modelo familiar” brasileiro, permite-se analisar o sentido do desemprego enquanto perda da possibilidade de exercer o papel de trabalhador, o do “homem” responsável pelo sustento da família. Assim, o sentido do desemprego reporta-se à perda do reconhecimento enquanto pessoa, do lugar que ocupava na estrutura social, deslocando-o para o âmbito do mercado, onde se estabelece o indivíduo.”

Segundo Walters (2002, apud FLEIG et al., 2005) ao investigar experiências de demissão de trabalhadores vítimas do retrenchment (redução de pessoal ou despesas), percebeu que os mesmos sofriam impactos dessas experiências em sua saúde psicológica. Os demitidos involuntariamente reagem de forma mais negativa ao desemprego do que outros. A perda do emprego é percebida como fonte de pressão constante, se tornando assim, gatilho para diversas doenças psicológicas como depressão e ansiedade generalizada.

Toda via, existe um lado positivo dentro do contexto de desemprego. Várias estudos apontam esse momento de fragilidade econômica e social como sendo mola propulsora para mudanças radicais e tomada de decisão. De acordo com Fleig (2005):

Para os indivíduos que se consideram agentes de mudança, não há o espaço/tempo “desemprego”, o que se vê é o trabalho constante na construção de alternativas. O desemprego emerge como a libertação e a oportunidade de construir um futuro mais liberto, livre do sofrimento da incerteza, da instabilidade das relações trabalhistas.

Sendo assim, é válido reforçar que o sofrimento psíquico decorrente da perda de um posto de trabalho é subjetivo e perpassa diversas variáveis da vida, história, construção e dinamismo do indivíduo.

2 MATERIAIS E METODOS

2.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura científica. Esse tipo de estudo objetiva, por meio de uma metodologia sistemática de busca, seleção e análise, descrever a produção científica acerca de uma temática, destacando o estado da arte e apresentando as possibilidades de futuras investigações. Proporciona uma leitura crítica da literatura científica, na qual são identificados e selecionados estudos com rigor e método científico, com o propósito de analisá-los para que se possa delinear um perfil dos trabalhos publicados, contribuindo para a discussão acerca dos resultados de pesquisa e para o desenvolvimento de estudos futuros (Creswell, 2010).

2.2 BASES INDEXADORAS

Como banco de dados foram utilizadas as seguintes bases indexadoras: BVS Psi (Biblioteca Virtual da Saúde – Psicologia), SciELO e BVS LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Os descritores utilizados foram: “Psicologia organizacional”, “Desemprego” e “Geração Y.

2.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

(1) artigos indexados; (2) redigidos no idioma português; (3) publicados no período de 2004 a 2017; (4) com temática pertinente ao objetivo da revisão. A seleção apenas de artigos indexados visou a cotejar produções que passam, necessariamente, por um processo de avaliação por pares, com rigoroso controle de qualidade. Não foram feitas restrições em relação ao tipo de delineamento metodológico (estudos teóricos, empíricos, de revisão, estudos de caso ou outros), nem em relação às abordagens teóricas ou às áreas nas quais as pesquisas foram desenvolvidas.

2.4 PROCEDIMENTO

O levantamento bibliográfico ocorreu em Setembro e Outubro de 2018. Em um primeiro momento, foi realizada uma leitura minuciosa dos resumos encontrados a partir dos unitermos utilizados e da combinação dos mesmos, excluindo-se os trabalhos que não se enquadravam nos critérios de inclusão elencados. Após uma primeira seleção realizada pelo exame dos resumos, os estudos selecionados foram recuperados, examinados e lidos na íntegra. Posteriormente, em função da maior ou menor proximidade com o tema de interesse, uma nova seleção foi realizada, restringindo-se a revisão apenas aos artigos diretamente relacionados ao desemprego e seus efeitos em jovens da geração Y. Foram incorporadas à revisão apenas as publicações recuperadas nessa última seleção, que constituíram o corpus de análise do presente estudo.

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 31 resumos que correspondiam à somatória de todas as buscas realizadas nas três bases indexadoras utilizadas para este estudo. Posteriormente, segundo os critérios de inclusão/exclusão adotados e levando-se em consideração as combinações de descritores, a maior parte desse montante foi descartada por não ser condizente com o assunto ou por tratar da temática apenas tangencialmente. Estudos encontrados em mais de uma base indexadora foram computados uma única vez, conforme a Tabela 1.

A Tabela 1 sumariza os trabalhos recuperados (n=6) em termos de títulos dos artigos, autores, instituições de origem e ano de publicação.

Nº	Ano	Título	Autores	Instituição de origem
1	2004	O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal	ARGOLO, J. C. T.; ARAÚJO, M. A. D.	Rev. adm. contemp. vol.8 no.4 Curitiba
2	2004	A vivência do desemprego: um estudo crítico do significado do desemprego no capitalismo	TUMOLO, L. M. S.; TUMOLO, P. S.	Trab. educ. saúde vol.2 no.2
3	2005	Reestruturação produtiva e subjetividade: análise interpretativa do significado do desemprego	FLEIG, D. G.; PEREIRA, M. C.; GRZYBOVSKI, D.; BRITO, M.J.	Organ. Soc. vol.12 no.33
4	2007	Desemprego dos jovens no Brasil: os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação	REIS, M. C.; CAMARGO, J. M.	Rev. Bras. Econ. vol.61 no.4 Rio de Janeiro
5	2016	Adaptabilidade de carreira: Paradigmas do conceito no mundo do trabalho contemporâneo	FIORINI, M. C.; BARDAGI, M.P.; SILVA, N.	Universidade Federal de Santa Catarina,
6	2016	Novas gerações no mercado de trabalho	SILVA, J. G.; SOBROSA, G. M. R.; DALAGASPERIN A, P.	Universidade Federal de Santa Maria

Cercado por crises econômicas e revoluções sociais, os jovens das classes média e alta, munidos de curso superior, fluência em línguas e uma enorme bagagem de conhecimento teórico, buscam, no ceio do mercado de trabalho, um local para se inserir como profissional. Como indivíduo, esses novos profissionais trazem consigo altas expectativas tanto sobre cargos, quanto salários.

Para Silva, Sabrosa e Dalagasperina (2016), os jovens dessa geração são mais individualistas, reivindicam autonomia tanto nas suas opiniões quanto nas suas atuações e situam seu lado pessoal acima das considerações de ordem social. Quanto ao trabalho, almejam, um local onde tenham autonomia, são ouvidos e tem suas ideias aceitas. Enfim, um ambiente com ética, criatividade, cooperação e amizade, um lugar em que embora existam regras, eles sejam respeitados quanto à exposição de suas ideias e emoções.

No entanto, o cenário econômico nacional não se mostra receptivo a essa nova leva de trabalhadores hiperestimulados e interativos que advém das camadas mais avantajadas da sociedade. Como explicita Reis e Camargo (2007), a dificuldade dos jovens para encontrar o primeiro emprego ou até se reinserir no mercado, já marca longa data:

Ao longo dos anos noventa, o Brasil viveu um período de aumento sistemático da taxa de desemprego aberto. Este comportamento foi observado para todos os grupos etários. Entretanto, foi muito mais acentuado entre os trabalhadores mais jovens. Para os indivíduos com idade entre 18 e 20 anos a taxa de desemprego aumentou cerca de 15 pontos percentuais entre 1990 e 2002, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

“Nesta perspectiva de instabilidade, o mercado de trabalho contemporâneo exige uma preparação mais complexa das pessoas, pois, além de serem especialistas em uma área de atuação, estas devem também ser generalistas” (SILVA; SOBROSA E DALAGASPERINA, 2016).

A busca por meios de se manter ativo, no sistema capitalista no qual a sociedade brasileira está inserida, leva muitos jovens a pensarem na adaptação de uma carreira que muitas vezes ainda não teve a oportunidade de começar. De acordo com Fiorini, Bardagi e Silva (2016):

[...] o aumento das taxas de desemprego e a disseminação de trabalhos temporários ou informais têm gerado preocupação para um público cada vez maior. Todos esses fatores resultam na falta de perspectivas para adolescentes e jovens. Nesse sentido, a necessidade de ser flexível e manter o controle frente a situações de dificuldade profissional constituem fatores que exigem o aprimoramento da adaptabilidade de carreira.

“O trabalho é a atividade humana na qual se reflete o caráter evolutivo e inovador da espécie” (ARGOLO; ARAUJO, 2004). Dessa maneira, a falta do emprego gera sofrimentos psíquicos das mais variadas ordens e pelos mais variados motivos. Ainda de acordo com Argolo e Araujo (2004), dentre as consequências psicossociais do desemprego, destacam-se as afetações ao

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

bem-estar psicológico do homem, intimamente relacionadas às ocorrências de deterioração do bem-estar físico, bem como de desagregação social.

Assim como ressalta Tumolo e Tumolo (2004), a situação do desemprego não significa que os desempregados tenham tempo livre para outras atividades desvinculadas de sua inserção no mercado de trabalho. Eles precisam desenvolver várias tarefas e utilizar o tempo de que dispõem para procurar oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Sendo assim é possível entender o desgaste emocional deste período para os jovens, uma vez que, flexibilidade de horários e a liberdade para viverem as vidas privadas são características fortemente presentes nesses indivíduos.

Para mais, os autores supracitados dizem que estudos convergem no que se refere aos efeitos negativos do desemprego para os desempregados e seus familiares. Tais investigações demonstram que a situação de desemprego está associada à ocorrência de distúrbios psicológicos e à baixa autoestima, assim como tem uma relação com a emergência e o agravamento de problemas sociais, como o aumento da criminalidade. Argolo e Araujo (2004) pesquisaram sobre o poder mediador de algumas variáveis na relação entre o impacto do desemprego e a deterioração do bem-estar psicológico e corroboram: Os resultados obtidos confirmam a deterioração do bem-estar psicológico em razão do desemprego.

Fleig (*et al.* 2016), ao ressaltar que a pressão social e econômica sobre os desempregados exerce influência na forma desses indivíduos se relacionarem causando-lhes sensação de não pertencimento e de desvalorização pessoal, mostra uma fonte de sofrimento psíquico para os jovens nascidos entre 1980 e 2000, uma vez que este grupo tem grande necessidade de reconhecimento devido à educação que receberam em casa, pautada em elogios e estímulos.

De forma geral, os sentimentos e efeitos do desemprego se mostram de forma negativa em jovens que buscam espaço no mercado de trabalho. Seja pelas características imediatistas e os desejos megalômanos, seja pelas pressões exteriores, o desemprego é uma fonte de forte sofrimento psíquico para qualquer faixa etária, no entanto, intensifica-se quando trata-se de jovens bem qualificados que há anos se preparam para tornarem-se profissionais bem sucedidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto por intermédio deste trabalho teve como objetivo convocar os interessados a uma reflexão sobre os principais efeitos psicológicos do desemprego para os jovens profissionais da geração Y, levando em consideração características intrínsecas e valores da atual sociedade a fim de entender como o processo se dá.

O tema se faz relevante uma vez que o Brasil encontra-se, novamente, em uma recessão econômica onde inúmeros postos de trabalho foram extintos e profissionais apresentam dificuldades tanto na inserção, quanto na reinserção no mercado de trabalho. Tratando-se de uma questão conflitiva e dolorosa, o

desemprego, em todas as suas faces, é um campo de estudo e cabe ao profissional psicólogo compreender e traçar estratégias para a resolução dessas dinâmicas.

Devido a abrangência e relevância do tema foi possível encontrar tanto trabalhos, quanto propostas nas mais diversas áreas do saber científico, a psicologia, no entanto, apresenta uma pequena porcentagem dessa amostra. A pouca expressão da área nesse aspecto pode ser entendida pelo preconceito ainda existente em relação a vertente psicológica que estuda o trabalho, a psicologia organizacional e do trabalho.

Não obstante as limitações, a presente revisão integrativa da literatura científica alcançou seu objetivo e confirmou sua hipótese de que o desemprego é uma fonte de sofrimento psíquico para jovens pertencentes a geração Y. No entanto, averiguou-se a necessidade de mais pesquisas, tanto bibliográficas, quanto de campo, para que, de fato, o tema seja abordado em sua completude e estratégias eficazes possam ser traçadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARO, J. L. **Desempleo y bienestar psicológico**. Madrid: Siglo XXI, 1992.

ARGOLO, J. C. T.; ARAUJO, M. A. D. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 8, n. 4, p. 161-182, dez. 2004.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.51, n.2, Mar/Abr., 2010.

CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 2001.

CASTRO, A. A. Revisão sistemática e meta-análise. **Compacta: Temas de Cardiologia**, v. 3, n. 1, p. 5-9, 2001.

COMAZZETTO, L. R. et al. A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Santa Maria, v. 36, n.1, Jan/Mar., 2016.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DUVARESCH, L. C. R.; SANTOS, D. L. T. Resiliência psicológica: impactos das emoções em profissionais na geração Y. **Caderno PAIC** - Programa de Apoio à Iniciação Científica. 2013-2014.

ENGELS, F. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1876.

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO DESEMPREGO PARA A GERAÇÃO Y

FARINA, A. S.; NEVES T. F. S. D. Formas de lidar com o desemprego: possibilidades e limites de um projeto de atuação em psicologia social do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.10, n.1, Jun., 2007

FERNANDES, R. A. S.; LIMA J. E.; SANTOS, C. M. A exclusão social de mulheres jovens, com idade entre 15 a 24 anos, no mercado de trabalho no Brasil. **Revista de Economia e Administração**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 125-136, Abr./Jun., 2008.

FIORINI, M. C.; BARDAGI, M. P.; SILVA, N. Adaptabilidade de carreira: Paradigmas do conceito no mundo do trabalho contemporâneo. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 236-247, Jul/Set, 2016.

FLEIG, D. G.; PEREIRA, M. C.; GRZYBOVSKI, D.; BRITO, M. J. Reestruturação produtiva e subjetividade: análise interpretativa do significado do desemprego. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n.33, p. 71-91, 2005.

HIRATA, H. S.; HUMPHREY, J. Trabalhadores desempregados: trajetórias de operários e operárias industriais no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 71-84, 1989.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **Revista de administração**, São Paulo, v.47, n.4, p.540-554, Out/Dez., 2012.

LAYARD, R.; LAYARD, B.; JACKMAN, R.; NICKELL, S. **Unemployment: Macroeconomic Performance and the Labour Market**. Oxford: Oxford University, 1991.

LIMA, M.; JIMENEZ, S. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n.2, Ago., 2011.

MACIEL, N. B. **Valores que influenciam a retenção de profissionais da geração Y nas Organizações**. 2010. 69f. Monografia (Graduação em Administração) – Faculdade de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MANNHEIM, K. El problema de las geraciones. **Revista Reis**, Madrid, n.62, 1993

MALDONADO, M. T. **A geração Y no trabalho: um desafio para os gestores**. 2005. Disponível em: <[http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Artigo/4142/a-geracao-y-no-trabalho-um-desafio-paraos-gestores.html%20\(10\)](http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Artigo/4142/a-geracao-y-no-trabalho-um-desafio-paraos-gestores.html%20(10))>. Acesso em: 23 mai. 2018.

MANCIBO, D. Crise político-econômica no Brasil: breve análise da educação superior. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 141, p.875-892, Out/Dez., 2017.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade**: O caminho das pedras. São Paulo: Editora Gente, 1995.

MOTTA, P. C.; GOMES, M. Z.; VALENTE, P. Venderam meu futuro: crise e a nova geração. **Pensamento Contemporâneo em Administração**. Rio de Janeiro, v.3, n.2, Ago., 2009.

MÜLLER, J.; F, DEWES. O impacto da inserção da geração Y no mercado de trabalho. **Universo Acadêmico**, Taquara, v. 5, n. 1, p. 164-183, Dez., 2012.

PEREIRA, M. C.; PEREIRA, J. R.; BRITO, M. J. Cidadania e desemprego no Brasil contemporâneo: uma reflexão a partir das categorias de subjetividade indivíduo, mero-indivíduo e pessoa. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 14, n. 41, p. 45-57, 2007.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

REIS, M. C.; CAMARGO, J. M. Desemprego dos Jovens no Brasil: Os Efeitos da Estabilização da Inflação em um Mercado de Trabalho com Escassez de Informação. **RBE**, Rio de Janeiro v.61 n.4 p. 493–518, Out-Dez, 2007.

SILVA, J. G. D.; SOBROSA, G. M. R.; DALAGASPERINA, P. Novas gerações no mercado de trabalho. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 24, n.2, 2016

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: Como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TUMOLO, L. M. S.; TUMOLO, P. S. Vivência do desemprego: um estudo crítico Do significado do desemprego no capitalismo. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 2 n. 2, p. 327-344, 2004.

WATERS, L. E. **Psychological reactions to unemployment following retrenchment** n.10, Melbourne.